

---

## UM OLHAR ESPECIAL SOBRE A COPA DO MUNDO: uma análise das crônicas de Tadeu Schimdt para o Jornal Nacional<sup>1</sup>

Matheus Canil de SOUZA<sup>2</sup>  
Marco Aurelio REIS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Universidade Estácio de Sá - RJ

### RESUMO

O presente artigo apresenta resultados parciais da pesquisa “Narrativas em mutação: a videoteratura e o cronismo na tela da TV”, desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF). Partindo do contexto que o cronismo esportivo faz parte da cobertura esportiva desde os primórdios e que o gênero crônica é escolhido para retratar o cotidiano e o inusitado, a proposta desse trabalho é fazer uma análise do quadro de crônicas veiculado no Jornal Nacional durante a Copa do Mundo de 2018. Tendo em vista que o telejornal fez uma ampla cobertura do evento, essa pesquisa busca analisar como que o jornalista Tadeu Schimdt construiu esse “olhar especial” sobre a Copa do Mundo por meio de crônicas. A metodologia utilizada será a análise crítica do cronismo audiovisual proposta por Thomé e Reis (2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica Audiovisual; Copa do Mundo; Jornal Nacional; Futebol.

### Introdução

Originado profissionalmente na Inglaterra e regulamento pela *International Board*<sup>4</sup> em meados 1886, o futebol chegou ao Brasil no final do século XIX trazido por Charles Miller, um brasileiro que estudava na Inglaterra e trouxe de lá uma bola e um conjunto de regras do esporte. A primeira partida registrada no Brasil ocorreu em 14 de abril de 1895 na cidade de São Paulo. De lá para cá, o futebol no país amadureceu, se revolucionou e revelou diversos craques, sendo entendido como elemento da formação da identidade povo brasileiro. (DAMATTA, 1986)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando de Rádio, TV e Internet pela Facom/UFJF. Bolsista de Iniciação Científica/UFJF. Integrante do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas midiáticas e dialogias. E-mail: [matheus.canil@gmail.com](mailto:matheus.canil@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo e pesquisador bolsista do programa de Pesquisa e Produtividade da UNESA-RJ, e líder do grupo de pesquisa/CNPq Narrativas midiáticas e dialogias. Jornalista, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. E-mail: [marco.reis@estacio.br](mailto:marco.reis@estacio.br).

<sup>4</sup> A International Football Association Board é o órgão que regulamenta as regras do futebol. Fundada no final do século XIX pelos presidentes das confederações de futebol dos países da Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda.

---

Com esse forte apelo no país, o futebol se tornou um dos principais temas de notícias e informações desde os jornais impressos, no início do século XX, até os canais de televisão especializados em esporte. Já no seu início de cobertura, o futebol habitualmente foi analisado por meio de crônicas.

A figura do cronista esportivo faz parte da cobertura especializada por meio dos comentários e da narração dos principais momentos dos jogos. A emoção da competição é trazida ao leitor, espectador ou ouvinte pelo cronista que transmite ou analisa uma determinada partida. Nesse sentido, o jornalista esportivo assume o papel de cronista, ou seja, é ele que apresenta, para quem acompanha seu relato, uma opinião carregada de subjetividade e personalidade sobre o fato. No futebol, análises táticas e até mesmo de regras são baseadas na interpretação e visão de jogo de quem as acompanha, não havendo, em muitos casos, um certo ou um errado sobre determinado tema ou lance, valendo assim a máxima de personalidade de quem assiste, característica fundamental da crônica.

Sendo um gênero que trafega entre jornalismo e literatura, e baseado sempre em comentários e com retoques de opinião, o cronismo esportivo tem entre seus autores consagrados o jornalista, teatrólogo e também cronista Nelson Rodrigues, que entre as décadas de 1950 e 1970 escreveu uma série de crônicas e cravou a metáfora pátria de chuteiras para definir o Brasil. (RODRIGUES, 2013)

Após esse sucesso, a crônica esportiva e seus autores foram migrando para os diferentes veículos de comunicação ao longo do tempo. Como gênero jornalístico que permite uma narrativa carregada de sentimento, comentário e emoção, a crônica primeiro se tornou uma “literatura de ouvido” (THOMÉ, 2015) através das ondas do rádio, e depois chegou ao público como “videoteratura” (TAVOLA, 1981, p.30) pelas telas da televisão aberta e por assinatura no país.

O estudo da crônica como videoteratura é a base do projeto de pesquisa “Narrativas em mutação: a videoteratura e o cronismo na tela da TV”<sup>5</sup>, que fez um mapeamento do cronismo nas telas, detectando tipologias e elementos narrativos importantes na construção da crônica audiovisual.

A pesquisa detectou, após um mapeamento do gênero no audiovisual, que a crônica teve e tem até hoje espaços fixos em telejornais como o Jornal Hoje, desde de

---

<sup>5</sup> O projeto, sob orientação da prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Cláudia de Albuquerque Thomé (Facom/UFJF), vem sendo desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa/CNPq “Narrativas midiáticas e dialogias”, ligado ao PPGCOM/UFJF, e com apoio da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFJF, tendo bolsa de iniciação científica.

2011<sup>6</sup> com as Crônicas do JH e com o Jornal das Dez, principal telejornal da Globo News, de 2013 a 2018. No entanto, apesar do esporte ser matéria prima do cronismo televisivo, nos dias atuais a crônica esportiva, assim chamada, não tem um espaço fixo nos principais telejornais ou programas esportivos do país, ficando restrita a quadros esporádicos, como ocorre no programa Redação SporTV<sup>7</sup>, ou em coberturas específicas como a do Jornal Nacional analisada nesse artigo.

A crônica esportiva invade os telejornais, sobretudo nas coberturas de grandes eventos, como as Copas do Mundo e as Olimpíadas. Durante o período da Copa do Mundo de 2018, de 14 de junho a 15 de julho, o Jornal Nacional dedicou boa parte de suas edições para falar sobre os jogos e as informações da competição. Uma das novidades do período foi o retorno da exibição de um quadro fixo de crônicas sobre o evento no telejornal. Comandado pelo jornalista e apresentador do Fantástico, Tadeu Schmidt, o quadro trazia um olhar diferenciado sobre a Copa que ocorria na Rússia.

Nesse período, o Jornal Nacional, apresentado de segunda a sábado, teve 27 edições. Dessas, 16 tiveram o quadro apresentado por Tadeu. Outras seis edições tiveram uma cobertura mais reduzida por não haver jogo naquele determinado dia e no restante o quadro não foi levado ao ar. Das 16 crônicas produzidas, o presente trabalho traz resultados da análise das primeiras 10 apresentadas, de 14 a 28 de junho, período que demarca a fase de grupos da competição, e que a incidência de crônicas foi maior. Vale ressaltar que a incidência de crônicas foi diminuindo com o avançar das fases, a redução do número de partidas e a eliminação do Brasil, ocorrida em 6 de julho na fase de quartas de final.

Para realizar tal análise será utilizado o percurso metodológico proposto por Thomé e Reis (2017) e desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa/CNPq “Narrativas midiáticas e dialogias” que propõe quatro etapas de análise: descrição, análise do gênero no audiovisual, análise dos campos temáticos e análise audiovisual do gênero.

---

<sup>6</sup> Inicialmente o quadro era apresentado apenas como Crônicas de Nova York, depois foi ganhando derivações de outros país pelo mundo e se fixou como Crônicas do JH.

<sup>7</sup> Apresentado pela primeira vez em 12 de junho de 2003, o Redação SporTV é um dos principais programas do SporTV. É levado ao ar de segunda a sexta nas manhãs do canal esportivo e busca debater em formato de mesa redonda os principais destaques da imprensa esportiva nacional e internacional. Inicialmente era apresentado pelo narrador Luís Roberto, depois o comando foi dos jornalistas Marcelo Barreto e André Rizek. Atualmente o programa voltou a ser apresentado por Barreto.

---

## Futebol, Brasil e as Copas do Mundo

Originado na Grã-Bretanha no final do século XIX, o futebol se espalhou por diversos países ao redor do mundo nas primeiras décadas de 1900. Por ser uma paixão nacional no país, o Brasil é considerado o “país do futebol”. A explicação por esse título pode ser dada por ser o país cuja seleção tem mais títulos em mundiais. Mesmo com dois fracassos dentro de casa, em 1950 e 2014, o Brasil foi campeão da Copa do Mundo nos anos de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, sendo a única seleção a estampar cinco estrelas douradas na camisa.

O futebol no Brasil pode e deve ser considerado como uma manifestação cultural, capaz de paralisar o país e arrastar multidões para os estádios, se transformando como característica do povo brasileiro. Inicialmente o futebol era ligado à elite rica e branca, porém logo foi se espalhando para as demais classes sociais.

Essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva, que muitos brasileiros se esquecem de que ele foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata (sic), o samba, a feijoada, o jogo do bicho, o cafuné, a sacanagem e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar, canibalizando, uma história recente e bem documentada, apenas indica o quanto o “futebol” foi devidamente apropriado pelas massas que com ele mantêm uma invejável intimidade. Intimidade que o torna nativo e o redefine como uma instituição brasileira, contrariando as visões xenofóbicas cujo ponto de partida é a ideia de que o Brasil é uma sociedade tão débil e pronta a ser iludida que suas elites têm de protegê-la de tudo o que chega de fora. (DAMATTA, 2006, p.143)

Os primeiros clubes de futebol a serem fundados no país foram o Sport Clube Rio Grande no Rio Grande Sul e a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas (SP), no ano de 1900. Pouco tempo depois, em 1902, foi fundado o Fluminense Football Clube, o primeiro clube da chamada elite<sup>8</sup> do futebol nacional a ter suas atividades iniciadas.

É no próprio Fluminense que essa elitização do futebol começou a ser quebrada. Em 1907, a Liga Metropolitana de Sports Atléticos (LMSA), criada como entidade reguladora do início do futebol carioca, criou uma regulamentação proibindo as “pessoas de cor” a praticarem o esporte em clubes associados a ela. Alguns clubes, como o Bangu, se revoltaram e desistiram de participar da competição, outros, porém permaneceram já que a LMSA organizava o principal campeonato de futebol da época.

---

<sup>8</sup> A chamada elite do futebol nacional é formada pelos 12 maiores clubes do país em representatividade nacional e internacional, tanto na mídia quanto em títulos. Fazem parte desse seletivo grupo: Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco, Grêmio, Internacional, Atlético Mineiro e Cruzeiro.

---

[...] o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo iniludível do novo, pois, muito mais do que um simples “jogo”, ele constava da lista de coisas civilizadas e moderníssimas a serem adotadas pela sociedade brasileira, uma sociedade vista por suas elites como atrasada e, com a proclamação da República, em alvoroço para recuperar o tempo perdido. (DAMATTA, 2006, p.139)

Com essa regulamentação, os clubes que permaneceram ligados a LMSA passaram a sofrer pressões nos campeonatos seguintes para não escalar negros. Tal pressão foi tão grande que em 1914, o jogador Carlos Alberto, do Fluminense, foi obrigado passar pó de arroz em todo o seu corpo para disfarçar o tom de sua pele. Pouco tempo depois, a LMSA foi extinta e a regulamentação elitista deixou de existir.

Outro caso semelhante aconteceu em São Paulo com Arthur Friedenreich, jogador do Corinthians e que foi um dos primeiros mestiços a atuar e marcar um gol pela seleção brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1919. Filho de um pai alemão e mãe escrava, Fried “deixou de ser negro” graças sua origem e seu feito.

Fried, como por encanto, deixou de ter raça. “Nem branco nem mulato, sem cor, acima das coisas”, ironizou Mario Filho. Mesmo antes disso, Fried procurava ele mesmo esconder como pôde sua condição de mulato, alisando vigorosamente o cabelo antes de entrar em campo (razão pela qual era sempre o último a aparecer, o que acabava chamando ainda mais a atenção para ele). Era, conforme Mario Filho. “o mulato que queria ser branco”. (GUTERMAN, 2009, p.44)

Aos poucos a elitização do futebol foi se dissipando e o esporte foi se tornando popular e arrastando multidões de torcedores pelos estádios, como ocorreu em 1950, data da primeira Copa do Mundo sediada no país, que teve o maior público registrado em uma partida de futebol no Brasil, justamente na final da competição no duelo entre Brasil e Uruguai, o conhecido “maracanaço<sup>9</sup>”, com quase 200 mil pessoas no estádio.

O silêncio do Maracanã entrou também para a História do Brasil. Daquele momento em diante, a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de que nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em parafuso. (...) O país, que começava a se orgulhar de seus feitos, e o Maracanã era um dos mais vistosos deles naquela oportunidade, viu-se de repente como um derrotado. (...) Um dos questionamentos mais discutidos foi suscitado pela presença de jogadores negros na seleção - ou seja, aquilo que era tido como trufo passou a ser como fardo. Barbosa

---

<sup>9</sup> O termo maracanaço é utilizado em referência a derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 no Maracanã para o Uruguai. Podendo empatar o jogo, a seleção brasileira chegou a abrir o placar, porém acabou sofrendo o revés de 2x1 da seleção uruguaia que ficou com o título, deixando os brasileiros desolados. A partida é considerada um dos maiores reveses da história do futebol.

---

e Bigode eram negros e foram responsabilizados diretamente pela inesperada derrota. (GUTERMAN, 2009, p.99-100)

Apesar do fracasso na Copa de 1950, o Brasil permaneceu forte como uma das principais seleções do mundo e logo oito anos depois, em 1958, conquistou seu primeiro título mundial, na Suécia, em jogo contra a seleção anfitriã. Um dos gols na goleada de 5 a 2 naquela final foi de Pelé, considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos e o atleta do século XX.

E foi misturando elementos de casa e de rua, que são encontrados as sementes do futebol brasileiro que culminou na seleção de 1958: havia juventude - o talento de Pelé deslumbrava - havia mistura - os jogadores mestiços, como Garrincha (...), e havia a desconfiança na capacidade dos jogadores negros, “herança maldita” de derrota de 1950. (OLIVEIRA, 2013, p.47)

Foi novamente com Pelé que o Brasil foi campeão na Copa seguinte, em 1962, no Chile, contra a seleção da Tchecoslováquia e, em 1970, no México, contra a seleção da Itália. Depois do título da Copa do México, a seleção amargou 24 anos de jejum para retornar ao topo do futebol mundial e conquistar os seus dois últimos títulos. Em 1994, nos Estados Unidos, a seleção enfrentou novamente a Itália, agora nos pênaltis e conquistou o tetracampeonato. Quatro anos depois, na Copa da França, o Brasil chegou novamente a final, porém ficou apenas com o vice-campeonato, perdendo na ocasião o título para a seleção sede. Já em 2002, na Copa do Japão e da Coreia do Sul, a seleção voltou ao topo do mundo, conquistando o pentacampeonato em final contra a Alemanha.

Após o título de 2002, a seleção brasileira entrou novamente em um jejum de títulos que em 2018 completou 16 anos. Nas quatro copas do período, a seleção não conseguiu chegar nem em uma final da competição, além de amargar a pior goleada da seleção nas mundiais, em 2014, na semifinal contra a Alemanha, em Belo Horizonte, na segunda copa realizada no Brasil.

### **Copa do Mundo no JN**

O Jornal Nacional (JN) foi levado a ar pela primeira vez em 1º de setembro de 1969, sendo o primeiro telejornal a ser transmitido em rede para todo o país. Uma das principais características do JN é a grande cobertura *in loco* dos principais eventos esportivos mundiais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Quase sempre, um de seus apresentadores se desloca para o país ou a cidade sede do evento para co-

---

apresentar o telejornal do local juntamente com a equipe esportiva. Assim ocorreu com Fátima Bernardes, em 2010, na África do Sul, Patrícia Poeta, em 2014, no próprio Brasil e Renata Vasconcelos, em 2016, novamente no Brasil. (GLOBO, 2017)

Em 2018, a cobertura da Copa do Mundo no Jornal Nacional foi novamente ancorada pela jornalista Renata Vasconcelos diretamente de um estúdio panorâmico montado na Praça Vermelha, em Moscou pelo Grupo Globo. Juntamente com o narrador Galvão Bueno, Renata ancorou todas as edições do JN durante o período da Copa diretamente desse estúdio, com William Bonner, seu companheiro de bancada, nos estúdios do JN no Rio de Janeiro.

A cobertura no JN durante o mundial dominou boa parte do tempo de cada edição, principalmente em dias de jogos do Brasil. Renata e Galvão apresentavam reportagens com os destaques dos jogos de cada dia, além de fazerem uma perspectiva dos jogos do dia seguinte. Com uma equipe numerosa na Rússia, os jornalistas abasteciam o canal aberto Globo, o canal por TV assinatura SporTV e o portal de notícias esportivas globoesporte.com, na primeira cobertura conjunta do chamado Grupo Globo<sup>10</sup>.

Como novidade na cobertura, a emissora retornou com o quadro de crônicas apresentado pelo jornalista Tadeu Schimdt<sup>11</sup> durante a exibição do mundial de seleções. Tadeu já havia apresentado um quadro semelhante no JN nas últimas coberturas esportivas como as Copa de 2010 e 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Carregado de subjetividade, personalidade e de curiosidades sobre a competição, o quadro trazia um olhar diferente sobre o que ocorria no mundial. Quase sempre encerrando a edição do telejornal, o jornalista não ficava preso apenas aos acontecimentos do dia na Copa do Mundo, já apresentados anteriormente no JN, buscando sempre trazer

---

<sup>10</sup> O Grupo Globo, conhecido anteriormente como Organizações Globo, é o maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina. É composto pela TV Globo, canais Globosat, Editora Globo, Sistema Globo de Rádio, Globo.com, os portais do G1 e GE, entre outros. Na Copa de 2018, Globo, SporTV e GE realizaram uma cobertura integrada que enviou cerca de 197 profissionais a Rússia, além de outros 200 realizando a cobertura no Brasil, totalizando quase 400 profissionais trabalhando durante o período de realização da competição. Foram quase 600 horas de conteúdos veiculados pelas plataformas de esporte das empresas da Globo ao logo da Copa do Mundo da Rússia. Disponível em <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2018/06/13/grupo-globo-tera-600-horas-de-cobertura-com-400-profissionais-na-copa-do-mundo-117597.php> Acessado em 12/04/2019.

<sup>11</sup> Jornalista e irmão de Oscar Schimdt, Tadeu está na Rede Globo desde 2000 e sempre foi ligado a editoria de esportes da emissora. Foi repórter de campo da equipe esportiva e apresentador do Esporte Espetacular e do bloco de esportes do Bom dia Brasil. Cobriu as Copa de 2006, 2010, 2014 e 2018 e os Jogos Olímpicos de 2008 e 2016. É apresentador do dominical Fantástico desde 2008, inicialmente como apresentador do bloco de esportes e eventualmente nas folgas e férias dos titulares. Já em 2013 assumiu o comando definitivo da atração ao lado inicialmente da jornalista Renata Vasconcelos e pouco tempo depois da jornalista Poliana Abritta. (GLOBO, 2017)

---

informações a mais, como curiosidades sobre as seleções, a arbitragem, as torcidas e ou a nova tecnológica implantada na competição, o árbitro de vídeo.

Com o avançar das fases da competição, a diminuição do número de jogos e a eliminação do Brasil, no dia 6 de julho, a cobertura feita pelo JN foi diminuindo e abrindo espaço para as notícias gerais apresentadas por Bonner nos estúdios do RJ. Como consequência dessa redução na cobertura, o número de crônicas produzidas pelo Tadeu também diminuiu. A cobertura teve fim no dia 14 de julho, sábado, véspera da final entre França e Croácia, em que Renata Vasconcelos se despediu do estúdio na Praça Vermelha. Na mesma data foi levada ao ar a última crônica do quadro.

### **Análise da crônica no audiovisual**

O quadro apresentado por Tadeu Schimdt no JN não é identificado pelos apresentadores diretamente como crônica na apresentação da série. Na edição de estreia, Renata Vasconcelos e Galvão Bueno anunciaram que a partir daquele dia Tadeu passaria a trazer um “olhar especial” das partidas. Já na disponibilização dos vídeos na página do JN<sup>12</sup> no Globo Play, a emissora identifica a série como crônica logo em baixo dos títulos de cada episódio, configurando-se como uma promessa nos termos de Jost (2007).

Com um texto narrado em primeira pessoa, o jornalista busca uma aproximação ao espectador do telejornal, repleto de pessoalidade e informalidade que são características fundamentais da crônica desde sua origem. Ao chamar, por diversas vezes, quem está em casa de “amigo” e quando se utiliza de termos comuns no cotidiano brasileiro como “troço”, “peladeiro”, “cá entre nós” ou “turma do aperto”, Tadeu se coloca do mesmo nível da pessoa simples e humildade que assiste o principal telejornal do Brasil.

O modo de produção do quadro é feito a partir de colagens de imagens dos jogos e da torcida com narração do texto em *off* ao fundo pelo jornalista. Essa narração é que acompanhada sempre de uma trilha musical em BG que dita o ritmo da crônica, sendo ela, em alguns casos, triste e lenta e em outros, alegre e intensa. Dos 10 episódios analisados, apenas no primeiro Schimdt fez a passagem<sup>13</sup> e apareceu perante a câmera.

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/>. Acessado em 14/04/2019.

<sup>13</sup> Jargão do jornalismo de TV que identifica quando o repórter está “on” na matéria, ou seja, quando ele aparece falando diretamente com os telespectadores durante a reportagem gravada.

---

No uso das imagens do jogo, é utilizado o áudio original com a locução dos narradores de cada partida, algo comum em reportagens no jornalismo esportivo.

Apesar de não aparecer em frente às câmeras, Tadeu traz consigo o efeito de certificação de quem está no local, no país de realização da competição e o público sabe disso, já que o vê apresentando o Fantástico aos domingos no estúdio do Grupo Globo na Praça Vermelha, em Moscou. Ao conversar com o público e ao torcer para o Brasil, além de “secar” as seleções da Argentina e Alemanha em seus textos, Schimdt se coloca como parte da torcida juntamente com quem está em casa.

Com seu olhar diferenciado, o jornalista coloca como personagem de suas crônicas outros fatos que não são exatamente os jogos em si. O personagem mais recorrente de seus textos foi o árbitro assistente de vídeo, ou apenas VAR, que foi novidade na competição. Tadeu apresenta a nova atração como importante para a diminuição de injustiças no futebol. Como parte de seu argumento, ele se utiliza de imagens de arquivos de erros em Copas do Mundo passadas, como em 1982 em um pênalti sofrido por Zico no jogo da eliminação do Brasil ou, em 1986, no gol de mão de Maradona nas quartas de final contra a Inglaterra e que classificou a seleção que seria campeã naquele ano. Para ele, esses lances poderiam ter sido corrigidos pela nova tecnologia.

A ancoragem das crônicas não está diretamente relacionada ao noticiário, já que o autor, apesar de citar lances das partidas, não informa o que ocorreu nela como um todo, não apresentado para o público os resultados dos jogos e nem todos os gols que aconteceram. O jornalista busca trazer para quem está em casa o que acontece na Copa do Mundo e que não tem tanto espaço em reportagens comuns, como curiosidades, a relação da torcida e o jogo, além dos fatos vivenciados por ele no local, a partir das tipologias de gênero definidas por Antônio Candido (1992).

As temáticas abordadas por Schimdt são sempre relacionadas ao espírito de torcedor que ele coloca em seus textos. Como torcedor, passa a dar espaço nas crônicas a curiosidades de seleções menores como Senegal e Islândia. Nos jogos da seleção, ele sofre e comemora, fazendo em muitos casos uma rememoração de Copas passadas, como na crônica do dia em que o Brasil foi classificado a próxima fase da competição e a Alemanha foi eliminada. Tadeu afirma que “quatro anos depois os alemães choram e os nós (brasileiros) sorrimos”.

---

O VAR volta a ser assunto nessa temática de torcedor do jornalista, que por diversas crônicas retorna ao lance do suposto pênalti não marcado em cima de Neymar no jogo de abertura do Brasil na Copa. Mesmo sem falar algo sobre e nem citar o nome do jogador, a presença da imagem do lance remota a quem está em casa a indignação de um torcedor. Tal indignação só acontece porque as crônicas são de característica coberta e imagéticas, com colagem de áudio e imagem, em que essa tem grande protagonismo, pois além de ilustrar o texto, a imagem apresenta detalhes singulares.

A partir da análise audiovisual do gênero nos preceitos propostos por Becker (2012) foi possível detectar o potencial do gênero para definição de identidades e valores no audiovisual, características da crônica em sua essência. Este princípio, “permite conhecer as marcas enunciativas da narrativa audiovisual referentes aos valores atribuídos a problemas e conflitos locais e globais e os modos como são julgados e qualificados” (BECKER, 2012, p.244).

Em um de seus textos, ainda na temática frequente do VAR, Schimdt discute a honestidade dos jogadores em campo. Segundo ele, se houvesse um maior interesse dos jogadores em não simular faltas ou enganar o árbitro, o futebol seria mais justo e o uso do VAR seria apenas para lances de interpretação. De tal forma, Tadeu discute como que o ser humano é capaz de agir de má fé para benefício próprio, independente de como isso pode prejudicar o seu semelhante.

### **Considerações Finais**

Após a análise do quadro de crônicas de Tadeu Schimdt no Jornal Nacional, a partir da metodologia construída no âmbito da pesquisa âmbito do grupo de pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF), pode-se concluir que a realização de um percurso de análise audiovisual do gênero no principal telejornal da TV aberta Globo, é que o cronismo está completamente inserido e adaptado ao cenário do telejornal, tendo o papel de agregar valor à cobertura esportiva especial.

São deixados de lado os tradicionalismos de um formato televisivo, e passam a ser adotadas formas classificadas como videoteratura. Este novo formato que estreou na TV na década de 1970 consegue assim, permear simultaneamente pelas três camadas tipológicas do gênero no audiovisual: a crônica stand up, coberta e imagética. Além disso, se apresenta como um produto leve mesclando informação e entretenimento, inserindo

até mesmo telespectador pouco ligado à cobertura esportiva no clima da Copa do Mundo de Futebol.

O estudo percebeu ainda que, uma vez identificadas as tipificações crônicas televisivas no JN, abre-se um campo amplo para análises que levem em consideração a estrutura desse gênero e sua linguagem no âmbito daquele telejornal em reportagens não obrigatoriamente classificadas como crônicas. Abre-se assim oportunidades de identificação da influência desse cronismo com reportagens mais leves e com novas estruturas daquele telejornal, que vem aos poucos se distanciando do formalismo tradicional para adotar novo formato.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais**. In: MATRIZES. São Paulo: USP, ano 5, nº.2, jan./jun., 2012, p. 231-250.

CÂNDIDO, Antônio. (et al.) **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_, **O que faz o Brasil, Brasil?**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1986.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MEMÓRIA GLOBO. Rio de Janeiro: Memória Globo, 2017. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acessado em 12/04/2019.

OLIVEIRA, Roberta. **Jornalismo esportivo/entretenimento: a construção identitária das edições carioca e paulista do Globo Esporte**. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1947/1/robertaoliveira.pdf> . Acesso em 07 de abril de 2019.

REIS, Marco Aurelio, THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Videoteratura: uma proposta de análise do cronismo na televisão**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação (FURB). Blumenau, 2017.

RODRIGUES, Nelson. **Pátria de Chuteiras**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

TAVOLA, Artur da. **A crônica na televisão: de Rubem ao Saltimbanco**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, p.30, 29 de setembro de 1981.

---

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Literatura de ouvido**: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio. Curitiba: Appris, 2015

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque; REIS, Marco Aurelio. **A crônica como narrativa em mutação**: metodologia para análise crítica do cronismo audiovisual. In: Encontro Regional de Comunicação (Erecom), Juiz de Fora: Facom/UFJF, 2017.